



Presenças da Azulejaria e Cerâmica Contemporâneas no Museu Nacional do Azulejo (1980-2000)

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DE OUTRAS OBRAS DO ACERVO
28 DE JUNHO A 21 SETEMBRO 2008
Sala de exposições Temporárias | Piso1

Usado em Portugal sem interrupção ao longo de cinco séculos, o Azulejo, teve entre 1980 e 2000, a sua linguagem actualizada, desde logo por autores que vinham a produzir desde a década de 1950, assegurando a continuidade até à contemporaneidade, como sejam Manuel Cargaleiro (n. 1927), Querubim Lapa (n. 1925), Rogério Ribeiro (1930-2008), ou Cecília de Sousa (n. 1937).

A partir da década de 1980, coube ao Metropolitano de Lisboa, entidade que desde 1959, com o trabalho da pintora Maria Keil (n. 1914), assumira já uma grande responsabilidade na presença do Azulejo em espaços urbanos, efectuar uma série de encomendas que permitiram revitalizar esta presença pública. Convidou, então, artistas nacionais e internacionais a realizar projectos para aplicar nas suas estações, boa parte dos quais, como Júlio Pomar (n. 1926), Eduardo Nery (n. 1938), Menez (1926- 1995) ou Jorge Martins (n. 1940) estão representados nas colecções do Museu Nacional do Azulejo.

Já a criação de objectos cerâmicos surge em Portugal, neste período, em consonância com o entendimento internacional desta disciplina enquanto expressão artística.

Na sequência de estéticas afirmadas na década de 1970, a cerâmica afasta-se cada vez mais da sua função utilitária, apontando decisivamente para a sua

vocação poética, em peças que exploram as possibilidades plásticas de diferentes técnicas e matérias.

No final da década de 1990, o Azulejo encontrou nas encomendas para a Expo' 98, actual Parque das Nações, um novo espaço de grande visibilidade pública, possibilitando novos olhares sobre esta enraizada forma de expressão portuguesa.

É o caso do trabalho de Ivan Chermayeff (n.1932) para o Oceanário, um dos mais originais deste evento, baseado na aplicação de uma tecnologia simples, a de estampilha, a uma técnica gerida por leituras digitalizadas de imagens de fauna marinha, possibilitando a sua figuração.

Nos últimos anos tem emergido, com assinalável presença em espaços públicos, o trabalho de artistas plásticos para quem o Azulejo não é disciplina central, mas que encontram nas tipologias e técnicas específicas deste suporte o veículo de afirmação de poéticas próprias.

É o caso de Ilda David (n.1955), autora de um trabalho cerâmico que confere um novo meio de expressão às preocupações centrais da sua pintura, as de matérias dramáticas com figurações esgrafitadas, e de Luís Camacho (n. 1956) cuja pintura sobre Azulejo é marcada pela procura de matérias e valores do acaso, registo de um imaginário pessoal.

Bela Silva (n. 1966), com formação em escultura, possui uma importante obra como ceramista e ilustradora, fazendo-nos regressar, de forma irónica, ao centro da tradição do Azulejo, cruzando referências eruditas ao Maneirismo e ao Barroco.

Esta breve passagem pelas colecções de Azulejo e Cerâmica das duas últimas décadas do século XX, do Museu Nacional do Azulejo, permite documentar

algumas das vias de afirmação da contemporaneidade, garantia, em Portugal, da permanência e constante renovação dos imaginários.

Artistas representados:

Alda Nobre

Armando Correia

Armando José

Arnold Zimmermann

Bela Silva

Cecília de Sousa

Eduardo Nery

Heitor Figueiredo

Ilda Bragança

Ilda David

Ivan Chermayeff

Jorge Martins

Júlio Pomar

Lourdes Castro

Luís Camacho

Manuel Cargaleiro

Mário Castanheira

Maria José Oliveira

Menez

Paulo Óscar

Querubim Lapa

Rogério Ribeiro